

## ALTERIDADE E IDENTIDADE EM DISCURSOS SOBRE A LITERATURA MARGINAL

Luiza BEDÊ<sup>20</sup>

Marina Célia MENDONÇA<sup>21</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma reflexão a respeito da identidade da literatura marginal brasileira contemporânea; para tanto, utilizamos como objeto de análise um cartaz verbo-visual de divulgação da Semana de arte moderna da periferia (2007), no qual é evocado outro movimento literário, a primeira geração modernista, principalmente, aquela envolvida na semana de 22. O referencial teórico-metodológico é o desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin. Deste modo, mobilizamos os conceitos de alteridade, identidade e ideologia. Por meio da análise, podemos afirmar que a identidade da literatura marginal é um espaço de valorização da alteridade, não para realçar a desigualdade, mas como forma de valorizar a diferença.

**Palavras-chave:** Círculo de Bakhtin. Alteridade. Identidade. Enunciado verbo-visual. Literatura marginal.

**Abstract:** *This article proposes a reflection on the identity of contemporary Brazilian marginal literature; to this end, we use as object of analysis a verb-visual poster of propagation of the Semana de arte moderna da periferia (2007), in which it is evoked another literary movement, the first modernist generation, especially the one involved in the week of 22. The theoretical and methodological framework is the one developed by the Bakhtin Circle. Thus, we have mobilized the concepts of otherness, identity and ideology. Through analysis, we can say that the identity of marginal literature is an appreciation of space of otherness, not to highlight inequality, but as a way of valuing the difference.*

**Palavras-chave:** *Bakhtin Circle. Otherness. Identity. Verbo-visual enunciation. Marginal Literature.*

---

<sup>20</sup> Doutoranda do Programa de Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/ Araraquara, São Paulo. luiza\_bede@hotmail.com.

<sup>21</sup> Docente da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara, São Paulo. marinamendonca@fclar.unesp.br.

## **Primeiras palavras: Alteridade e individualismo**

Bakhtin (1997), ao problematizar a visão artística da consciência humana na obra de Dostoiévski, afirma que, no capitalismo, cria-se um tipo especial de consciência permanentemente solitária que pretende se exaurir da presença do outro. Este processo, de negar aquilo que constitui o sujeito enquanto humano é uma prática clara de desumanização e uma tentativa de negar a condição ontológica da linguagem e da alteridade.

Dostoiévski manifesta essa desumanização no não reconhecimento dos personagens enquanto homens na sociedade: “os sujeitos recolhem-se à solidão forçada, que os insubmissos procuram transformar numa solidão ativa (passar sem o reconhecimento, sem os outros)” (BAKHTIN, 1997, p.342). A visão artística de Dostoiévski corrobora a ética bakhtiniana e problematiza a necessidade evidente de mostrar o aspecto vital da alteridade para a humanidade.

Antonio Gramsci, em sua obra, também indica a importância da alteridade como forma de humanização e afirma que a postura individualista proveniente da burguesia possui uma presença marcante desde o século XVIII nas grandes e médias metrópoles; percebe-se que essa postura toma proporções cada vez maiores na contemporaneidade. Para superá-la é necessário que tenhamos uma vivência da liberdade individual, que só é possível se ela for construída “com as experiências de todos os outros homens, que vivem as mesmas dores e esperanças” (GRAMSCI, 1978, p. 372). Esta liberdade individual vai além daquela que conhecemos na sociedade burguesa, ela ultrapassa limites do âmbito individual para o social ou, como Gramsci nomeia, para a vida coletiva.

A luta contra o individualismo é a luta contra um determinado individualismo, contra um determinado conteúdo social, e precisamente contra o individualismo econômico num período em que ele se tornou anacrônico e anti-histórico. [...] Que se lute para destruir um conformismo autoritário, tornado retrógrado e embaraçoso, e se chegue ao homem-coletivo através de uma fase de desenvolvimento da individualidade e da personalidade crítica é uma concepção dialética difícil de ser compreendida pelas mentalidades esquemáticas e abstratas. (GRAMSCI, 2000, p. 289-290).

O individualismo, presente na sociedade burguesa, como Gramsci observa, é um “apoliticismo animalesco” e nos remete a uma “clientela” pessoal (2000, p. 327) em que o que está em xeque é o indivíduo dotado meramente de si mesmo. Assim, a individualidade

burguesa se dá por meio da total ausência do espírito social. O Estado, detentor do poder, cria esse individualismo atual, predestinando o indivíduo à sociedade de consumo e o reduzindo a um caráter instrumental, visto de forma clara desde a Revolução Industrial.

Uma nova concepção de individualidade deve ser criada e não deve estar mais concentrada em si, mas, necessariamente, na interação com o *outro*, com a *alteridade* (SCHLESENER, 2007). Superar o individualismo na atual sociedade burguesa é uma contradição em si, já que para a existência da burguesia é necessário este espírito individualista, porém existem diversas teorias que buscam entender o individual, a individualidade por meio do *outro*, por meio da relação social em um determinado espaço e tempo.

Partindo da perspectiva bakhtiniana, entendemos como imprescindível o aprofundamento teórico sobre a alteridade, a subjetividade e sua relação intrínseca com a linguagem, pois é a partir deste movimento, deste contato que emergem as mais diversas peculiaridades das manifestações artísticas.

Considerando o caráter fundamental da alteridade para a constituição da identidade, este artigo analisa modos como a literatura marginal brasileira contemporânea afirma sua identidade por meio do contato com outros movimentos literários, mais especificamente, com a primeira geração modernista. Analisamos um enunciado verbo-visual, veiculado como forma de divulgação da Semana de arte moderna da periferia, em 2007.

A literatura marginal (NASCIMENTO, 2009) é um movimento literário brasileiro que surgiu nas periferias, principalmente, urbanas; os autores dessa literatura são provenientes desses espaços e relatam em suas narrativas as experiências de viver à “margem” da sociedade; as temáticas da literatura marginal incluem os mais diversos problemas sociais como a violência, a ausência do Estado, a truculência da polícia, as relações que envolvem o trabalho – problemáticas sempre relacionadas com o espaço social da periferia. Essa literatura, portanto, surge como forma de afirmação cultural e política da periferia feita por sujeitos que estão inseridos nesses espaços, assim há uma busca aparente desses autores de valorizar os aspectos singulares e únicos que só são possíveis de serem vividos nesse espaço, por esses sujeitos, nesse período histórico.

O artigo está organizado em dois momentos, o primeiro deles é uma reflexão acerca do conceito de identidade, sua concepção em alguns momentos da história e a relação que há entre identidade e alteridade. Em seguida, nos debruçaremos sobre um enunciado verbo-

visual, materializado em cartaz de divulgação da *Semana de arte moderna da periferia*. Para a análise, cotejaremos tal enunciado com outro cartaz de divulgação produzido para a *Semana de arte moderna de 1922*.

## **Identidade e Alteridade**

O estudo da identidade sempre foi interesse de pesquisadores das ciências humanas. A relação entre identidade e linguagem já despertara o interesse dos gregos da antiguidade clássica, especialmente de Aristóteles. Tal problemática ainda se faz presente, tendo em vista o interesse de diversos teóricos em discorrer sobre identidade e sua relação com a linguagem. Mesmo que essa problemática tenha perpassado o pensamento de diversos autores, de Aristóteles até os dias de hoje, ainda há muito que refletir sobre ela. Nosso intuito não é responder às inúmeras lacunas que se abrem ao relacionarmos linguagem e identidade, mas tão somente colocar a problemática sob a ótica dos estudos do Círculo de Bakhtin.

Nesses estudos, não temos elaborado de forma concreta o conceito de identidade, porém na leitura da obra do Círculo podemos encontrar caminhos para a compreensão de identidade - por exemplo, pensar em identidade e ignorar os aspectos da alteridade seria uma contradição dentro da Análise Dialógica do Discurso, assim como entender identidade nos atendo meramente aos aspectos sociais, ignorando o sujeito em sua singularidade, também não seria adequado nesse espaço teórico.

Até a modernidade, segundo Gondar (2002), o princípio desenvolvido por Aristóteles da “não-contradição” era aceito dentro da filosofia. Para o filósofo, tudo o que pode ser contraditório para um sujeito não pode ser expresso por ele, porque nesse sujeito não há a vivência dessa contradição, portanto seria impossível o domínio linguístico para expressá-lo. Não obstante, devemos ter em mente que o que direciona o domínio ontológico ao encontro do domínio linguístico é a identidade.

O conceito de identidade passa a ter sentidos diversos depois da Primeira Guerra Mundial por conta da construção de afirmações de identidade, principalmente nos países que saíram derrotados, cuja população amargou sanções econômicas, retaliações territoriais e humilhações que deram espaço e terreno fértil para a emergência de uma construção identitária, imposta de maneira sistemática e baseada no mito de superioridade racial e cultural, no período entre guerras.

Mal recuperada da fragorosa derrota sofrida na Primeira Grande Guerra, com sua economia em ruínas, o orgulho teutônico em frangalhos, a Alemanha estava à procura, digamos, de uma nova identidade que encobrisse, de uma vez por todas, todo um passado, digno de ser apagado da memória. Vale a pena também lembrar que estava surgindo naquele país o movimento nazista, que logo se aproveitou do vazio oferecendo ao povo, em estado de baixo auto-estima, um novo orgulho de ser (ou melhor, de querer ser) e, com isso, uma nova identidade. (RAJAGOPALAN, 2002, p. 81).

Do resultado dessa identidade, a História jamais deve se esquecer: foram milhões de mortos no Holocausto. No caso alemão, com a justificativa da supremacia ariana, judeus e todos aqueles que, na visão do Partido Nacional Socialista, fossem diferentes deveriam ser perseguidos, explorados e humilhados nos campos de concentração e, por fim, dizimados. Kanavillil Rajagopalan (2002) demonstra como a figura do judeu foi emblemática na construção desta nova identidade. O judeu tornou-se o contrapeso de tudo aquilo que os alemães não queriam ser e “símbolo para tudo o que Hitler queria subtrair do seu ideal” (p. 84).

Quando há uma valorização da identidade por meio da homogeneidade, o que ocorreu, por exemplo, no caso alemão, certamente quem sofrerá as consequências desses atos são aqueles que se posicionam ideologicamente e culturalmente de forma distinta ou contrária à situação hegemônica em vigor; assim, “quando a identidade domina, existe sempre um inimigo contra o qual unir-se e contra quem lutar.” (PONZIO, 2011, p. 22)

Aqui, então, percebemos o quão influente é o *outro* na formação da identidade e quanto essa identidade pode ser manipulada em um determinado contexto histórico, transformando pares em ímpares, compatriotas em inimigos. Para formarmos uma identidade que não seja perigosa, no sentido de evitarmos as tragédias decorrentes de afirmações de grupos identitários, é necessário pensarmos no outro, na alteridade como constituinte da identidade.

Segundo Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (2010), para pensarmos na alteridade é inevitável que pensemos no sujeito, no *eu*, o que é ser o “homem” na realidade concreta da vida vivida. Na perspectiva bakhtiniana, o *eu*, o sujeito é compreendido tanto na forma como ele se entende por si mesmo, ou seja, no “eu-para-mim”, quanto na forma como o *eu*, o homem, equivale àqueles que estão ao meu redor, portanto o *eu* é semelhante aos *outros*. O homem é constituído integralmente por essas duas perspectivas.

Porém, ao longo da História<sup>22</sup>, a relação *eu versus outro* raramente superou o embate dualístico, encontramos com frequência situações em que um estava sob o domínio do outro, o homem sempre foi entendido ou como *eu* ou como o *outro*.

[...] Uma coisa que aqui é essencialmente importante para nós não deixa dúvida: o vivenciamento axiológico real e concreto do homem no todo fechado de minha única vida, no horizonte real de minha vida, é de natureza dupla; eu e os outros nos movemos em diferentes planos de visão e de juízo de valor e, para que sejamos transferidos para um plano único e singular, eu devo estar axiologicamente fora de minha vida e me aceitar como o outro entre outros (BAKHTIN, 2010, p. 54).

É de extrema importância compreendermos que o *eu*, constituído de suas experiências e valores, pertence ao mesmo plano que os *outros*, mas para isso é necessário que o eu entenda a si mesmo como *outro entre outros*, no processo exotópico. O *eu* se constrói pela completude, seja pelas nossas emoções, lembranças e memórias, do âmbito psíquico que só encontramos em nós mesmos. Além desses aspectos internos, esta completude se dá pela imagem externa do eu que ele, por si mesmo, não tem.

A complexa dialética entre o exterior e o interior. [...] Os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências, o eu e o outro; aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro. A história da autoconsciência concreta e o papel nela desempenhado pelo outro (amante). O reflexo de mim mesmo no outro. A morte para mim e a morte para o outro. A memória. (BAKHTIN, 2010, p. 394).

Os gestos do *eu*, a forma como movimenta suas mãos, feições diante de determinadas situações não estão em suas memórias, estão na memória dos *outros*. A completude se (re)constrói no *não-eu*. Quando o eu observa um sujeito em uma situação do cotidiano, só ele, enquanto observador, conhece este sujeito de uma forma que ele mesmo não conhece. Seus gestos, sua expressão são inacessíveis a ele mesmo, só o *eu*, portanto, sendo o excedente de sua visão, pode (re)completá-lo naquele momento. Entretanto, o excedente de visão que o *eu* tem em relação ao sujeito-outro varia de acordo com a época em que ele vive e com o lugar social de que fala, tais elementos são determinantes para o excedente de visão.

---

<sup>22</sup> No capítulo *A forma espacial da personagem* (2010), o autor dá vários exemplos da disputa entre o *eu* e o *outro* no decorrer da história como, por exemplo, na antiguidade, no epicurismo, no

É do nosso lugar social, político, histórico e, portanto, único que encontramos o *outro*, e é deste lugar que emerge nosso excedente de visão possibilitando que só o *eu* possa emitir uma visão “inédita”. No *outro* está a nossa busca incessante por nós mesmos, sem êxito; realizamo-nos com a ausência da “experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele” (GERALDI, 2010, p. 107).

### **A identidade da literatura marginal: ruptura e tradição**

Alteridade e identidade, como vimos até aqui, não devem ser entendidas como forças conflitantes, elas estão em relação, já que um precisa do outro. Quando pensamos em identidade e ignoramos a alteridade, caímos no arcabouço do ostracismo. Da mesma maneira, quando utilizamos o outro, a alteridade, e destacamos nela a desigualdade — assim como o Partido Nacional Socialista fez, na Alemanha, com os judeus — caímos em terreno propício à realização de atos de exclusão.

Depredação e recusa na relação com a alteridade produziram desigualdades, e muitas do que denominamos “diferenças sociais” são produções dessas desigualdades, já que diferenças apenas podem emergir entre semelhantes e iguais. [...] Diferença não é sinônimo de desigualdades. Diferença só são percebidas nas familiaridades compartilhadas; desigualdades são recusa de partilha. (GERALDI, 2010, p. 114)

Assim, a identidade, neste artigo, é entendida como um espaço de valorização da alteridade, não para realçar a desigualdade, mas como forma de valorizar a diferença. Neste ponto específico não seguimos a abordagem da identidade que é feita por Ponzio (2011), pois compreendemos que a identidade é um espaço que pertence também ao *outro*, portanto não entendemos a valorização da alteridade como contraditória em relação à concepção de identidade.

Seguindo este caminho, na análise que fazemos a seguir, destacamos a identidade procurando ressaltar sua relação com a alteridade, ou seja, buscando nos enunciados analisados as *diferenças* que identificam os sujeitos. A identidade é composta no dia-a-dia, influenciada pelo passado e pelo futuro; sob as influências sociais, ela se constitui nas/pelas ideologias.

---

neoplatonismo, no cristianismo, no renascimento entre outros.

[...] a própria questão da identidade está ligada à ideia de interesses e está investida de ideologia. Assim, a construção da identidade é uma operação totalmente ideológica. Não é preciso dizer que qualquer impulso para repensar a identidade também terá de ser uma resposta ideológica a uma ideologia existente e dominante (RAJAGOPALAN, 1998, p. 42).

A construção da identidade da literatura marginal, considerada dessa perspectiva bakhtiniana, nunca está plenamente acabada, uma vez que o sujeito que produz essa literatura está sempre em constante interação com diferentes vozes sociais provenientes de contextos históricos e políticos distintos. Nos enunciados verbo-visuais, que fazem menção à literatura marginal, encontramos a reincidência de elementos que são comumente utilizados pelos escritores do cânone literário (BEDÊ, 2015), apesar da preocupação dos autores dessa literatura em afirmar a cisão entre seus escritos, sua literatura, e aquela canônica.

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais 500 anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (FÉRREZ, 2005)

Embora se explicita essa cisão entre os “excluídos sociais” que hoje enunciam na literatura marginal e aqueles que os destinaram ao limbo da cultura nacional, as diferentes vozes dos *outros*, tanto do semelhante quanto do díspar, se fazem presentes no discurso desta literatura. O diálogo, portanto, está montado. As relações estabelecidas com a erudição, com o cânone literário fazem com que percebamos as mútuas relações que são constituídas, atravessadas pela alteridade, pelo *outro*.

Desse modo, para entender a identidade dessa literatura, a partir do Círculo de Bakhtin, é necessário enxergá-la não como algo estanque, peculiar de um sujeito isolado, mas em contraste com outros sujeitos do mesmo grupo social e com outros sujeitos de outros grupos, de outros períodos, de outros lugares, do micro para macro, sempre em constante relação.

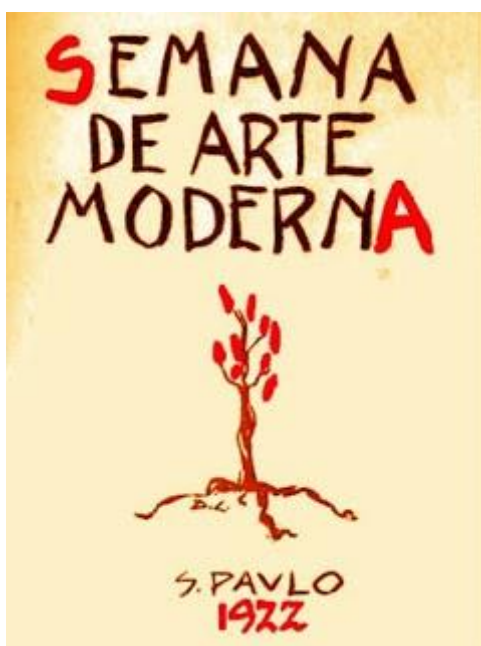
Tendo isso em vista, em 2007, o coletivo cultural *Cooperifa*, cujo idealizador é o escritor Sérgio Vaz, expoente da literatura marginal e referência no que tange aos movimentos culturais nas periferias da cidade de São Paulo, organizou a *Semana de arte moderna da periferia* - o nome do evento nos remete diretamente à *Semana de arte moderna de 22*. O



idealizador da semana, no livro *Cooperifa: antropofagia periférica*, demonstra que a ressignificação do evento de 22 foi pensada para mobilizar a discussão acerca do espaço da periferia e sua expressão cultural na circulação e produção da arte como um todo. A semana

foi criada e pensada na Semana de arte Moderna de 1922, e há muito nós da Cooperifa vínhamos discutindo a possibilidade de realizar uma Semana das Artes para nós, inspirada na Semana de Artes da elite paulistana. Quer provocação maior? Tinha que ser uma semana inteira de artes na periferia, e para a periferia, nos mesmos moldes da turma de Oswald de Andrade. (VAZ, 2008, p. 234).

A “provocação” citada é a utilização do *outro* enquanto parte integrante da confecção, da elaboração de um novo modo de operar a literatura e a cultura da periferia. Mas as relações entre as duas “semanas” vão além do nome do evento; vemos abaixo o cartaz de divulgação do evento de 2007, produzido pelo artista plástico Jair Guilherme Filho, e o cartaz de divulgação da semana de 22, elaborado por Di Cavalcanti.



moderna de 22.



moderna da periferia. Fonte: TENNINA, 2013.

O conceito de enunciado concreto, desenvolvido pelos autores do Círculo de Bakhtin, possibilita pensarmos de modo amplo acerca das diferentes formas de materialização dos enunciados. É possível, inclusive, realizar uma leitura da teoria bakhtiniana de forma que o

enunciado não se restrinja somente às modalidades verbais da linguagem, já que nessas obras não há uma definição fechada deste conceito. Assim, o enunciado pode ser entendido tanto por uma frase, um texto, um diálogo entre amigos ou, indo além, um gesto, uma música, uma pintura, uma fotografia, um desenho. Assim, se entendemos enunciado como texto, logo o

texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos. (BAKHTIN, 2010, p.307)

Segundo Bakhtin, portanto, o que garante a existência de um enunciado é a sua relação com que é real e com o que pressuponha “um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um dado grupo) de signos, de uma linguagem (ainda que seja a linguagem da arte)” (2010, p. 309).

Atualmente, no Brasil, há pesquisadores que têm se dedicado às análises dos enunciados verbo-visuais a partir da teoria bakhtiniana, como MARCHEZAN (2006), GRILLO (2009, 2010, 2012), BRAIT (2008, 2009, 2013), PUZZO (2012, 2012, 2014) etc. Assim, os dois cartazes acima serão analisados a partir das reflexões obtidas por esses estudos citados.

O cartaz de 22 possui, no centro, uma árvore ainda miúda, com raízes à mostra, da qual brotam pequenos frutos vermelhos. Acima da árvore temos os dizeres “Semana de arte moderna”, sendo que as últimas letras “a” das palavras “semana” e “moderna” estão grafadas em cor vermelha ornando, assim, com os frutos da pequena árvore. Abaixo da árvore temos o local da semana, a cidade de São Paulo e o ano de 1922, também grafado em vermelho.

Já o cartaz de 2007, percebemos a mesma distribuição dos elementos, porém com algumas diferenças: há frutos vermelhos na árvore, outros no chão e outros em movimento, ao cair. Na parte superior do enunciado, vemos os dizeres “Semana de arte moderna da periferia” sendo que os últimos “a” das palavras “semana” e “moderna” também estão grafados em vermelho.

Podemos auferir que o início desse ciclo se dá na Semana de 22, já que na figura 1, temos uma árvore ainda pequena e com poucos frutos. Na figura 2, a árvore está cheia de flores e frutos, embora uma grande quantidade já esteja no chão; percebe-se, no enunciado, o caráter circular do fruto. A árvore, provinda da semente, agora dá frutos e os frutos, por sua

vez, produzirão sementes e delas, provavelmente, nascerão outras árvores repetindo-se um ciclo natural e reprodutivo. As raízes, que no cartaz de 22 estão à mostra e são curtas e finas, se estendem, na ilustração de 2007, por um amplo espaço de solo, disseminando-se para além da sombra da árvore, aprofundando, fortalecendo-se. O círculo feito pelos frutos, presente no cartaz de 2007, pode representar o nascer-morrer-renascer num fluxo constante. A cor vermelha pode nos remeter à vida (sangue-vida) ou à falta dela (sangue-morte), trazendo à tona o sangue que escorre das periferias, porém o contraste com a árvore cheia e robusta nos remete à resistência e à perseverança demonstrada por meio da arte.

Abaixo da árvore vemos escrito com letras pretas um conceito importante para os modernistas: antropofagia, porém ele não vem só, o substantivo periferia é adjetivado e torna-se periférica. Antropofagia periférica. Logo em seguida, vemos a cidade na qual ocorreu o evento e o ano, 2007, com grafia idêntica àquela do cartaz de 1922.

A ideia de antropofagia está relacionada com a história da civilização brasileira, com as tribos indígenas e, mais especificamente, com o canibalismo cultural. Aqui, há a necessidade de se “engolir” a cultura europeia, com grande influência no Brasil, no início do século XX, e transformá-la em algo nacional. “[...] uma atitude brasileira de devoração ritual dos valores europeus, a fim de superar a civilização patriarcal e capitalista, com suas normas rígidas no plano social e os seus recalques impostos, no plano psicológico [...]” (CANDIDO, 2006, p. 130). O ato de “devorar” a cultura alheia transformando-a numa cultura própria se dá a partir da cultura do *outro*, ou seja, é por causa e na relação com o outro que se produz uma cultura própria. A busca de uma identidade, de “uma cultura própria” é parte constitutiva de movimentos culturais.

No manifesto de abertura da literatura marginal (2004), percebemos a necessidade de valorização da própria cultura, por meio de exemplos de autores que, segundo Ferréz, escritor da literatura marginal, estiveram à margem da sociedade e da literatura e não foram valorizados em vida.

[...] João Antônio andou pelas ruas de São Paulo e Rio de Janeiro sem ser valorizado, hoje ele se faz presente aqui e temos a honra de citá-lo como a mídia o eternizou, um autor da literatura marginal. Também citamos a batalha de vida do Máximo Gorki, um dos primeiros escritores proletariados. Mas não podemos esquecer de Plínio Marcos, que vendia seus livros no centro da cidade e que também levou o título de autor marginal [...] Fazemos uma pergunta: quem neste país se lembra da literatura de cordel? Que traz a pura essência de um povo totalmente marginalizado, mas que

sempre insistiu em provar que a imaginação não tem fronteiras? A literatura de cordel, que cem anos completou, é literatura marginal, pois à margem esteve e está, num lugar que gosta de trabalhar com referências estrangeiras. (FERRÉZ, 2004)

João Antônio, Plínio Marcos, Máximo Gorki são recuperados e trazidos ao contexto da literatura marginal. Nesses autores, encontramos a resistência e o fervor político que se consolidam como influência e parte constitutiva dessa literatura. A referência à literatura de cordel, que é também, segundo o texto, literatura às margens, é um modo de afirmar a própria cultura.

Destacamos o seguinte trecho para relacionar com a discussão feita há pouco acerca da antropofagia: “A literatura de cordel [...] é literatura marginal, pois à margem esteve e está, num lugar que gosta de trabalhar com *referências estrangeiras*” (grifo nosso). Percebemos, nesse trecho, a crítica feita à “marginalização” da literatura de cordel em detrimento das referências estrangeiras utilizadas na arte. Tal crítica é um dos pontos centrais no manifesto antropófago. O célebre “Tupi or not tupi” traz à tona a necessidade de considerar as heranças profundas do povo brasileiro. Assim,

[...] embora os escritores de 1922 não manifestassem a princípio nenhum caráter revolucionário, no sentido político, e não pusessem em dúvida fundamentos da ordem vigente, a sua atitude, analisada em profundidade, representa um esforço para retirar à literatura o caráter de classe, transformando-a em um bem comum a todos. Daí o populismo – que foi a maneira por que retomaram o nacionalismo dos românticos. Mergulharam no folclore, na herança africana e ameríndia, na arte popular, no caboclo, no proletário. Um veemente desrecale, por meio do qual as componentes cuidadosamente abafadas (é o caso da “literatura sertaneja”), ou laboriosamente deformadas pela ideologia tradicional, foram trazidas à tona da consciência artística. (CANDIDO, 2006, p. 171).

Segundo Candido, os modernistas se debruçaram nas heranças proporcionadas pela miscigenação brasileira. No manifesto de abertura da literatura marginal, encontramos a procura dos autores dessa literatura por essa herança, os africanos, os índios, os proletariados personificados na obra de Gorki e a literatura de cordel são evocados para que a partir deles se forme uma literatura que vislumbre as margens e que a *transforme em um bem comum a todos*.

Ao analisarmos os enunciados sob a luz dos estudos bakhtinianos, ficam evidentes as marcas dialógicas. No caso específico do cartaz da *Semana de arte moderna da periferia* de

2007, além de percebermos a retomada do passado num processo ressignificativo, compreendemos que a partir do passado temos renovadas as esperanças no presente e no futuro.

Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2010, p. 410).

Oitenta e cinco anos depois da *Semana de arte moderna* de 22, no contexto da emergência de se criar uma literatura da e para a periferia, o *Cooperifa* e os sujeitos engajados nessa causa renovam, por meio dos enunciados, o marco do modernismo brasileiro, mobilizando-o e trazendo-o do tradicional Teatro municipal de São Paulo para as vielas e becos da periferia da mesma cidade, do período do crescimento cafeeiro e o *entre guerras* para a consolidação do capitalismo e para as guerras civis não declaradas. A pequena muda de frutos vermelhos, plantada pelos modernistas no ambiente da “elite paulistana”, cresceu, se fortaleceu, deitou suas raízes por amplos espaços, deu frutos, dá frutos, em ambientes que não se imaginaria das cadeiras estofadas do Teatro Municipal. A literatura marginal, em sua relação com o movimento de 22, é exemplo da afirmação da identidade por meio da alteridade.

### **Algumas considerações finais**

A análise apresentada permite alguns apontamentos que consideramos importantes. Em diversos momentos da análise esbarramos com a alteridade, seja por meio da ruptura com o *outro*, com a tradição literária, seja por utilizar a tradição para alcançar a identidade da literatura marginal, como vimos, por exemplo, no nítido diálogo entre os cartazes das duas diferentes semanas de arte.

Tradição e a ruptura estão entrelaçadas. A presença de ambas é muito forte nesse movimento literário, destaca-se por meio da utilização do conceito explorado pelas gerações modernistas – antropofagia – e na recuperação da semana de arte moderna de 22, com o cartaz de divulgação da *Semana de arte da periferia* de 2007.

A identidade da literatura marginal se dá na relação entre o passado, a tradição, e o presente, se dá pela ressignificação, pela ruptura. Além do passado e do presente, vemos o futuro, pois a formulação verbo-visual desse enunciado parece indicar a proposição antropofágica da necessidade de se alimentar, de “consumir” sua própria cultura, nesse caso, a cultura produzida da/pela periferia.

A literatura canônica não é utilizada como algo a ser alcançado e muito menos como uma literatura descartável, ela é o *outro* que, por meio do contato, do choque, cria novos movimentos culturais, novas formas de produções literárias, novas percepções, novos horizontes de possibilidades.

## Referências

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra – 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BEDÊ, L. **A identidade da literatura marginal em enunciados verbo-visuais**. 2015. 112p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara. São Paulo, 2015.

BRAIT, B. A Palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.142-160, 1ºsem. 2009.

\_\_\_\_\_. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013

\_\_\_\_\_. Contribuições bakhtinianas para a análise do verbo-visual. In: BASTOS, N. M. B. (Org.). **Língua Portuguesa: lusofonia, memória e diversidade cultural**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2008. p. 257-269

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

FERRÉZ. Manifesto de abertura: literatura marginal. **Caros Amigos**, São Paulo: Casa Amarela. Edição especial Literatura marginal, 2004.

\_\_\_\_\_. Manifesto de abertura: literatura marginal. **Literatura marginal. Talentos da escrita periférica**. São Paulo: Agir, 2005.

GERALDI, J.W. **Ancoragens**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

GONDAR, J. Linguagem e construção de identidades – um debate. In: FERREIRA, L.; ORRICO, E. (Org.). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 107-115.

GRAMSCI, A. **Sotto la Mole** (1918-1920), Torino: Einaudi Ed., 1978.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere**. Maquiavel: *Notas sobre o Estado e a Política*. ( Vol. 3.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRILLO, S. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 14(2), p.235-246, 2012.

\_\_\_\_\_. Dimensão verbo-visual de enunciados de Scientific American Brasil. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 1, p. 8-22, 2009.

\_\_\_\_\_. Enunciados verbo-visuais na divulgação científica. **Revista da ANPOLL**, v. 27, p. 215-243, 2010.

NASCIMENTO, E. P. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena**. São Paulo: Aeroplano, 2009.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p.115-131.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução Ekaterina Américo e Sheila Camargo Grillo, São Paulo: Contexto, 2012.

PONZIO, A. **A revolução Bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2011.

PUZZO, M.B . A linguagem verbo-visual na construção de sentido em capas da revista veja. **Revista Intercâmbio**, v. XXV: 92-105, 2012.

RAJAGOPALAN, K. O Conceito de Identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Ines (Org). **Língua(gem) e Identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 21-47.

\_\_\_\_\_. A construção da identidade e a política de representação. In: FERREIRA, L. ORRICO, E. (Org). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 77-89.

SCHLESNER, H. A. **A crítica de Gramsci à teoria das elites: Pareto, Mosca e Michels e a Democracia Burguesa**. Anais do V Colóquio CEMARX/ Unicamp, 2007.

TENNINA, L. **Las tácticas de la Semana de Arte Moderna de la periferia y de Manifiesto de Antropofagia periférica**. In: Revista Ipotesi. Juiz de Fora, v. 17, n.1, 2013.

VAZ, S. Antropofagia Periférica. Semana de arte moderna da periferia. A semana. In: **Cooperifa. Antropofagia Periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.



## ANÁFORAS E DÊITICOS NA CONVERSACÃO DE SUJEITOS AFÁSICOS: O LINGUÍSTICO E O EXTRALINGUÍSTICO EM ATIVIDADES REFERENCIAIS

Caio MIRA<sup>23</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende demonstrar a forma que os elementos anafóricos e dêiticos constroem os objetos de discurso em uma atividade referencial. A partir das definições clássicas de anáforas e dêiticos, procuramos observar sua aplicação para a construção de objetos de discurso em uma interação face a face. Para esta tarefa, utilizamos um fragmento de uma interação em grupo entre sujeitos afásicos e não afásicos. A análise demonstra que as definições de anáforas e dêiticos rígidas e pautadas em exemplos de linguagem escrita não são capazes de explicar a dinamicidade da construção do sentido nas interações com sujeitos afásicos, que lançam mão de elementos extralinguísticos para interagirem.

**Palavras-chave:** Anáforas. Dêiticos. Objetos de discurso. Afasia.

**Abstract:** *This paper aims to demonstrate the way that the anaphoric and deictic elements form the objects of discourse in a referential activity. From the classic definitions of anaphora and deictic, we aimed to observe its application for the formation of objects of discourse in a face-to-face interaction. For such task, we have used a fragment of a group interaction with aphasic and non-aphasic subjects. The analysis pointed out that definitions of anaphora and deictic which are rigid and ruled in examples of written language are not capable of explaining the dynamism of the construction of meaning in interactions with aphasic subjects, who use extra-linguistic elements to interact.*

**Keywords:** *Anaphora. Deictic. Objets de discours. Aphasia.*

---

<sup>23</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo (RS). E-mail para contato: cmira@unisinos.br



## Introdução

A abordagem sociocognitiva da linguagem considera que os processos cognitivos, entre eles a linguagem, emergem na interação social (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004). Conforme as autoras, temos uma relação de: mundo – linguagem – mente, onde a linguagem não é somente um processo cognitivo que liga o mundo à mente. Nessa tríade, a linguagem é o elemento constituidor de ambos. Na abordagem sociocognitiva da linguagem, a referenciação é um fenômeno de natureza semântico-discursiva em que é possível observar a emergência de processos de significação. Em outras palavras, a referenciação representa um deslocamento da clássica questão da referência, por considerar que os processos semânticos não são frutos apenas de uma relação entre as palavras e as coisas, que a construção de referentes no discurso não ocorre somente pela seleção de objetos definidos *a priori* do uso da linguagem. Pelo contrário, é durante o desenvolvimento da atividade discursiva que emergem os objetos a que o próprio discurso remete. Os “objetos de discurso não preexistem naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995 *apud* KOCH, 2005, p. 34).

A ideia de objetos de discurso rompe com a concepção da linguagem ser apenas uma forma de nominalizar, de “etiquetar” os objetos no mundo, por situar a linguagem e as atividades de significação como uma atividade cognitiva e social que constitui a realidade humana. De acordo com Koch (2005, p. 34):

Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística: a realidade é construída, mantida e alterada não apenas, mas, acima de tudo, pela forma como sociocognitivamente, interagimos com ela. Interpretamos o mundo na interação com o entorno físico, social e cultural.

As pesquisas mais recentes da Linguística Textual, a abordagem Sociocognitiva da linguagem e a Sociolinguística Interacional oferecem um aparato teórico-metodológico para compreensão dos fenômenos interacionais que conjuga simultaneamente a dimensão discursivo-pragmática da linguagem, os aspectos cognitivos e os fatores situacionais de um evento interativo. Nessa perspectiva, Koch e Cunha-Lima (2004, p. 285) elucidam a relação entre os aspectos cognitivos e sociais na investigação da linguagem:

As ações verbais são ações conjuntas, ou seja, usar a linguagem é sempre se engajar de alguma em ação na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a

ação acontecesse necessariamente em coordenação com os outros [...]. Ao observar o que as pessoas fazem com as palavras é possível perceber que a interpretação de textos (ou sentenças) não é uma atividade que acontece dentro da mente do falante, mas uma atividade conjunta que emerge na interação e pressupõe e implica negociação em todas as suas fases.

Diante desse quadro, pretendemos demonstrar como os elementos anafóricos e dêiticos constroem os objetos de discurso a partir de um fragmento de uma interação em grupo entre sujeitos afásicos e não afásicos.

### **Anáforas e dêiticos**

Tradicionalmente, segundo as definições amplamente difundidas na literatura linguística, as anáforas têm como função fazer a retomada de um referente no discurso, seja por correferência ou co-significação. Por sua vez, os dêiticos têm a função de apontar para a localização de tempo/espaço dos interlocutores ou de objetos na interação. No entanto, tais definições de anafóricos e dêiticos não são suficientes para explicar alguns fenômenos de referenciação e da construção de objetos de discurso.

Os estudos de Cavalcante (2004) demonstram que a fronteira entre dêiticos e anafóricos é muito tênue, classificá-los de maneira totalmente dicotômica pode mascarar o seu estatuto referencial em alguns casos. Assim, anáforas e dêiticos não são elementos linguístico-discursivos tão estanques. A autora demonstra que é bem comum encontrarmos dêiticos que fazem não só remissão a tempo e espaço, mas também remetem a elementos do discurso como anáforas. Outro papel dos dêiticos apontado por Cavalcante diz respeito às funções mais complexas como o encapsulamento de porções difusas do discurso que se dá por um único elemento dêítico. Diante de tais evidências, a autora propõe ainda uma revisão, apoiada em teorias pragmáticas e discursivas, da classificação de anáforas e principalmente dos dêiticos.

Para entendermos tal questão, é necessário resgatarmos brevemente algumas classificações de anáforas e dêiticos já bem difundidas na literatura da área. As anáforas dividem-se em dois grandes grupos: as diretas (AD) e indiretas (AI). As AD se caracterizam por retomarem pontualmente, correferencialmente ou co-significativamente um referente no texto. Já as AI retomam também referentes no discurso, porém, sem necessariamente ser por meio de um referente pontualmente localizável na superfície textual. É possível que um elemento no co-texto ou ainda se tratando de uma interação verbal, o contexto, possa fazer a remissão, o que encontramos na literatura denominado como “gatilho”, ou “âncora”. Koch

(2003) defende que dentro do grupo das AI temos um subgrupo: as anáforas associativas. Nesse tipo de anáfora a remissão ocorre por associação ou inferência por meio de elementos do co-texto ou também por meio de relações lexicais estereotipadas. Há ainda um outro tipo de anáfora, que costuma ser comumente incluído no grupo das AI, as chamadas anáforas encapsuladoras, onde um elemento anafórico além de fazer a remissão a um referente no discurso, ainda “encapsula” uma porção de informações que pode estar ou não difusas no texto, ou seja, um elemento que reúne e resume uma grande carga informacional relevante dentro do universo discursivo.

Na literatura linguística, de uma forma geral, os dêiticos são descritos como os elementos que marcam a posição dos sujeitos, a localização espaço temporal. Embora, aparentemente, as classificações das anáforas e dêiticos pareçam adequadas para explicar as atividades referenciais, há casos em que as fronteiras classificatórias desses dois elementos são tênues.

Dentro da perspectiva discursiva, os dêiticos desempenham papéis um pouco mais complexos do que a classificação simples descrita acima. Cavalcante (2004b) defende que toda estratégia referencial desenvolve-se por meio de mecanismos dêiticos, ou seja, os dêiticos têm uma propriedade sempre de apontar para um dado objeto dentro de um campo dêitico, que pode ser entendido como o ponto de vista do enunciador e sua localização tempo espacial dentro de um espaço discursivo. Dessa forma, é possível observar alguns dêiticos que podem ser considerados dentro da perspectiva da situação empírica, isto é, dentro do ambiente em que acontece o discurso, ou de acordo com o conhecimento partilhado entre os participantes de uma interação. Assim, temos de um lado os dêiticos pessoais, sociais, espaciais e temporais ligados à situação empírica. E de outro, os dêiticos de memória. Ainda conforme Cavalcante (2004), a dêixis tem um traço de egocentrismo, no sentido de serem ancoradas em pontos específicos dentro de um evento comunicativo, mas sempre dentro da perspectiva do ponto de vista do falante. Em vários estudos, principalmente os organizados pela autora, ficam exemplificados casos de textos escritos em que dêiticos desempenham o papel de anáforas, inclusive de anáforas encapsuladoras, e de sintagmas nominais anafóricos precedidos de dêiticos que remetem a referentes localizáveis ou não na superfície textual.

Diante das múltiplas funções referenciais que as anáforas e dêiticos podem assumir em uma situação de comunicação, deparamos com a seguinte questão: de que maneira, numa interação face a face, as anáforas ou dêiticos sustentam a referenciação e, conseqüentemente, a

construção dos objetos de discurso? É possível explicar esses dois fenômenos de referenciação apenas por meio de pressupostas e exemplificadas a partir de ocorrências no mundo da escrita? Nossa hipótese nega que podemos assumir essa premissa. Assumir essa posição implica em responder uma questão mais complexa: o que permite defini-los? A resposta para tal questão pode estar num olhar mais atento para o contexto onde ocorre a interação, ou seja, onde justamente ocorre a construção dos objetos de discurso, dos quais os dêiticos e anáforas são importantes instrumentos no processo da construção discursiva.

### **O dado**

Fruto de uma ação conjunta entre o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas e o Departamento de Linguística do Instituto de Estudo da Linguagem, ambos da Unicamp, o Centro de Convivência de Afásicos (doravante CCA) surgiu em 1990 com o intuito de “desmedicalizar” os tipos de intervenções terapêuticas e clínicas que eram então oferecidas aos sujeitos afásicos, proporcionando a eles uma abordagem clínica diferente dos moldes tradicionais. O CCA foi concebido como um espaço de interação, como um espaço para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre os sujeitos afásicos e não afásicos de forma a contribuir para o maior entendimento da condição de afásico e oferecer alternativas para a reintegração social dos afásicos pela convivência e enfrentamento mútuo das inúmeras dificuldades que a afasia implica.

Além disso, o CCA também é um espaço de pesquisa e docência no qual se envolvem pesquisadores, alunos de pós-graduação que se empenham em pesquisas sobre a complexa relação entre os aspectos sociais e interativos que envolvem linguagem, cérebro, cognição. Os sujeitos afásicos que frequentam o CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia, onde recebem todo o tipo de assistência clínica necessária. Os não afásicos que integram o CCA são amigos, familiares e pesquisadores, sendo que estes últimos desenvolvem seus trabalhos no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

As afasias, *grosso modo*, são sequelas na linguagem causadas em decorrência de um episódio neurológico, como um acidente vascular cerebral (AVC), um traumatismo crânio-encefálico ou um tumor cerebral. O que tais sequelas acarretam ao indivíduo são dificuldades nos processos de produção e interpretação de linguagem. As dificuldades afetam a linguagem em seus vários níveis: no nível fono-articulatório (a dificuldade de articular e produzir sons),

no nível sintático (a dificuldade de ordenar os elementos dos enunciados em formas “gramaticalmente”); no nível lexical (dificuldade de acesso às palavras) e no nível semântico (dificuldades de produção e interpretação do sentido dos enunciados). Morato (2001, p.155) exemplifica as dificuldades que os diferentes tipos de afasia acarretam:

Do ponto de vista linguístico (língua oral e escrita), podem-lhe faltar as palavras de maneira importante (anomias, dificuldades de selecionar ou evocar palavras), o que resulta muitas vezes em substituições ou trocas inesperadas e incompreensíveis de palavras inteiras ou de partes delas (são as parafasias que têm diversas naturezas: fonético-fonológicas, semânticas, morfológicas), longas pausas ou hesitações, muitas vezes seguidas de desalento, abandono do turno da fala ou do tópico conversacional, bem como a perda do “fio da meada”; pode também acontecer de sua fala resultar muito laboriosa (alterações apráxicas, fono-articulatórias) ou ter um aspecto “telegráfico”, em função de dificuldades de ordem sintática (como o agramatismo) ou semântico-lexical (como as dificuldades de encontrar as palavras).

Apesar das afasias acometerem os sujeitos em diferentes graus de severidade, e deixá-los, sem dúvida, em uma situação instável do ponto de vista linguístico, cognitivo e social, geralmente, o afásico não perde a memória sobre os vários usos e funcionamentos da linguagem nas situações cotidianas, tais como a interpretação de provérbios e expressões idiomáticas usadas no dia a dia. Não se podem negar as sérias implicações que a afasia acarreta na vida dos sujeitos em vários sentidos. Entretanto, é necessário considerar as possibilidades que os afásicos preservam de agir sobre os recursos que lhes restam para interagirem e produzir de outras maneiras seus discursos.

As interações do CCA instigam-nos, justamente, a investigar os aspectos sociocognitivos envolvidos na organização interativa do grupo e, principalmente, nas práticas sociais e linguísticas em que os sujeitos afásicos estão inseridos. Assim, temos a possibilidade de compreender o funcionamento das patologias da linguagem por meio da inserção dos afásicos numa estrutura interativa que busca evocar práticas cotidianas de linguagem. Dessa forma, a questão da afasia ganha outros contornos:

A afasia é basicamente, uma questão de linguagem; um problema essencialmente discursivo, não redutível aos níveis linguísticos, isto é, à língua. Envolve o funcionamento da linguagem e os processos cognitivos de alguma maneira a ela associados: envolve, dessa maneira, as práticas linguísticas e discursivas que caracterizam as rotinas significativamente humanas (MORATO, 2000, p.13).

Observar a construção de objetos de discurso é uma oportunidade para a observação, em meio às práticas comunicativas, a emergência, a negociação e a construção de referências entre sujeitos de realidades diferentes (pelo menos no sentido que não serem todos que enfrentam dificuldades de alterações de linguagem). Morato (2003) aponta para a peculiaridade dos dados dos sujeitos afásicos e também para os fatores que entram em jogo nas atividades referenciais. Segundo a autora:

[...] a referenciação pode ser entendida como um fenômeno discursivo que marca enunciativamente os processos de significação nela envolvidos. Pressupondo e transcendendo o linguístico, a noção aventa a existência e o trabalho de várias semioses co-ocorrentes. O que pode se tornar problemático nas patologias da linguagem é precisamente a consideração do conjunto a seletividade dos diferentes fatores implicados na referenciação, sobre os quais os sujeitos se apoiam e trabalham coletivamente para dar inteligibilidade às coisas do mundo. É possível observar nas atividades referenciais de sujeitos com afasia, por exemplo, como se constroem de maneira solidária os processos linguísticos e não-linguísticos ou entre as várias competências (linguística, comunicativa, discursiva, pragmática) de que os sujeitos são dotados, ou entre os muitos movimentos de convergência e divergência dos intuítos discursivos (ver Bakhtin 1929) que ocorrem na rede de significações que se vai construindo na interlocução (MORATO, 2003, p. 578).

O excerto conversacional apresentado abaixo faz parte de uma interação do grupo, que foi transcrito por meio de um sistema especialmente planejado para tentar representar o que ocorre nesse tipo evento comunicativo (cf. anexo). O foco da análise é construção de um objeto de discurso por dos elementos dêiticos *aqui e isso*.

Contexto da Interação: JC e HM, pesquisadoras do CCA, estão na mesa de café, juntamente com os sujeitos afásicos MS, NS e EF (cujas siglas estão representadas em negrito) mostrando algumas fotos. HM pergunta a MS se ele tem feito alguma terapia complementar que melhorasse as sequelas de seu AVC. MS responde afirmativamente, portanto, esse é o tópico do episódio conversacional. JC começa a perguntar maiores detalhes sobre a essa terapia que MS faz. A partir desse ponto, há o interesse geral de todos os participantes da interação por esse tópico. A conversa versa sobre os esclarecimentos sobre a acupuntura.



2, ele faz também gestos com o braço em direção a JC. Embora haja um movimento por parte de MS em mostrar, por meio de gestos, uma posição enunciativa, a gesticulação assume um papel de confirmação de toda a ratificação da informação deduzida por JC. Existe um mínimo grau de deiticidade exatamente pelo fato do elemento *isso* ser enunciado simultaneamente com a realização de gestos. Nesse segmento, fica evidente o caráter predominantemente de anafórico encapsulador do elemento dêitico *isso*.

O uso que MS faz deste elemento dêitico tem uma importante função na construção do objeto de discurso, que podemos denominar como “ratificador encapsulador”. Função esta que é estabelecida e reconhecida pelos participantes da interação na construção objeto de discurso “acupuntura”.

Na linha 5, NS questiona o lugar onde MS faz as sessões acupuntura. *Aqui* tem a função genuinamente dêitica. É interessante notar que o mesmo percurso discursivo é seguido por JC, ela também quer situar o local, entretanto, não faz uso da gestualidade como NS, mas lança um novo referente: Campinas. NS repete esse referente, substituindo *aqui* e questionando MS, que mais uma vez ratifica a dedução. Após as pausas de MS, NS toma o turno da conversa e faz outra indagação: *mas por que aqui?* (linha 9). Nesse momento, *aqui* adquire uma nova dimensão discursiva. A deiticidade desse elemento é ainda bastante saliente, porém, se observamos o gesto que NS faz, é possível constatar que se trata de uma espécie de realinhamento do objeto discursivo que MS ratificou anteriormente. NS já não quer mais saber o local físico onde é oferecido o tratamento de acupuntura. Ela quer saber especificamente o motivo das orelhas serem o ponto de aplicação de agulhas. Há uma boa demonstração das capacidades sociocognitivas de NS, ela acessa em seu *frame* de acupuntura o elemento orelha e o infere gestualmente na interação. Não há em nenhum ponto anterior a esse momento na transcrição que NS ou qualquer outro participante da interação qualquer menção ou associação de agulhas e acupuntura.

Esse é o ponto que acreditamos ser nevrálgico. É extremamente tênue a fronteira que separa a deiticidade de *aqui* e sua função de construir, no fragmento transcrito, uma nova referência. Se observarmos apenas para o caráter discursivo do advérbio, ou somente para o estatuto linguístico da transcrição, não é possível perceber a transformação discursiva e semântica que esse elemento sofre. A fronteira é tão tênue que JC, na linha 10, faz uma “pausa discursiva”, ou seja, interrompe o fluxo normal para tentar “esclarecer” o referente tópico da interação. Na tentativa de estabelecer uma harmonia dos sentidos nos



questionamentos de NS, JC repete a mesma questão de NS e novamente introduz o referente orelha. Talvez para ser mais clara, JC faz isso gesticulando didaticamente, traduzindo seu enunciado linguístico para MS, como se ele não fosse capaz de entender a reconfiguração discursiva que ocorre.

Na sequência do episódio conversacional, ocorre uma sucessão de novas inferências dos sujeitos para se construir discursivamente o objeto acupuntura. HM, na linha 14, cede o turno da conversa para MS para que ele tente fazer maiores explicações sobre acupuntura. Por sua vez, MS, na linha 15, emite uma vogal alongada. A observação mais atenta desse momento no registro em audiovisual revela que o gesto de MS configura-se como uma realização de uma nova inferência. Sem haver nenhum outro enunciado verbal, NS faz duas tentativas de entrar no mesmo “enquadre”, isto é, o estabelecimento de instruções em comum sobre o que se está falando (BATESON, 1972/2002) comunicativo de MS: cabelo e cabeça – linhas 16 e 18. Vale ainda registrar que EF, linha 17, também segue o mesmo percurso que NS. Novamente, JC assume o papel de especificar a referências propostas pelos sujeitos afásicos. Enfim, na linha 19: *não o cérebro... o cérebro... a afasia... o derrame*, fica estabelecido o a finalidade da acupuntura, o objeto de discurso que foi construído continuamente nesse trecho. Na transcrição, o segue após o segmento que selecionamos, é uma explicação de JC sobre a ligação entre os pontos do corpo e os pontos onde são colocadas as agulhas nas sessões de acupuntura.

A partir da análise deste trecho de interação face a face, procuramos corroborar com os argumentos de Cavalcante (2004): as fronteiras entre anáforas e dêixis são realmente tênues e que os dois fenômenos não são excludentes. Apesar de ter escolhido mostrar a construção de objetos de discurso por meio de dois elementos que desempenham reconhecidamente funções de dêiticos, sejam elas discursivas, pessoais, espaciais e etc, e de não ter exemplificado uma anáfora por meio de um sintagma nominal, acreditamos ter conseguido demonstrar que mesmo se tratando de dois elementos extremamente dêiticos, a função discursiva deles é ao todo tempo reconfigurada na interação. A análise evidencia que o pronome demonstrativo assume uma função declaradamente anafórica, como um encapsulador, e, também, de ratificador de informações. O caso de *aqui* é interessante, pois, além de ter uma função dêitica, ele elemento assume uma função de engatilhador de inferências na interação, retomando a especificidade do tópico em questão, uma função diferente da que é proposta tradicionalmente para esse tipo de advérbio, algo muito parecido com “âncoras” e “gatilhos”

das anáforas indiretas. Mesmo diante destas constatações, chamamos a atenção para uma perspectiva de análise que talvez possa ser mais um meio de evidenciar e explicar a referenciação em interações face-face, como as do CCA.

### **Considerações Finais**

A clássica pergunta que os sociolinguistas interacionais fazem: *o que está acontecendo aqui e agora nesta situação de uso da linguagem?* (GARCEZ; RIBEIRO, 2002) pode responder a algumas questões que estão abertas no processo de referenciação nas interações do CCA. A gestualidade descrita pela transcrição não é apenas uma forma de representar o que ocorreu na interação. A gestualidade foi um dos fatores que nos permitiu observar como os objetos de discurso são conjuntamente construídos nas práticas comunicativas do grupo. Os elementos da referenciação, no excerto analisado neste artigo, constituem-se mutuamente de recursos linguísticos, os elementos anafóricos e dêiticos, e os interacionais, a gestualidade, o contexto em que ocorre a interação, como por exemplo, os papéis que são atribuídos aos integrantes dos grupos quando estão interagindo.

As análises das interações do CCA podem oferecer respostas não só para as questões de referenciação que apontamos, mas também pode revelar o que Goffman (1964/2002) chamou de “a situação negligenciada” nos estudos da língua em funcionamento. Nas palavras do autor:

É claro que as elocuições certamente se submetem a restrições linguísticas (assim como os significados), mas precisam a cada momento preencher outra função, e é essa função que mantém os participantes de uma conversa ocupados. Devemos apresentar as elocuições com um revestimento de gestos funcionais – gestos que propiciam estados da fala, gestos que políam esses estados da fala e mantém esses pequenos sistemas em funcionamento. [...] A interação face-a-face tem seus próprios regulamentos e eles não parecem ser de natureza intrinsecamente linguística, mesmo que frequentemente expressos por um meio linguístico. (p. 19)

A complexa situação contextual torna-se uma variável muito importante em interações onde os sujeitos de alguma forma estão mais conscientes ao funcionamento da linguagem. Alguns conceitos da Sociolinguística Interacional são de grande utilidade para esclarecer o que as noções de anáforas e dêiticos, exemplificadas pelo uso da linguagem escrita, não

conseguem explicar. Por exemplo, na linha 2, onde o demonstrativo *isso* e o gesto ratificam o interlocutor de MS, pode ser visto mais além do que um simples pronome dêitico encapsulador. É por meio deste elemento que MS se posiciona dentro do discurso, a quem ele endereça linguisticamente e gestualmente o objeto de discurso que é construído no curso da interação. Em outras palavras, é o que Goffman (1979/2002b) chama de “footing”, o que está sendo negociado e introduzido entre os participantes em um discurso oral.

Enfim, olhar mais atentamente para o que está ocorrendo dentro de uma interação, como os integrantes dela estão interagindo extra-linguisticamente, certamente é um caminho alternativo e interessante para as pesquisas de base sociocognitiva que investigam a referenciação especificamente em interações face a face.

## Referências

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo, Loyola, 2002. p.85-106. (Originalmente publicado como *A theory of play and Fantasy*, 1972)

CAVALCANTE, M. M. Processos de Referenciação – uma revisão classificatória. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P (Orgs.) **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Protexto – UFC. 2004 b. CD-ROOM, ISBN 85-904864-1-9.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo, Loyola, 2002. p.107-148. (Originalmente publicado em *American Anthropologist*, 66 (6): 133-166, 1964)

\_\_\_\_\_. Footing. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P M. (Orgs) **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo, Loyola, 2002 b. p.107-148 (Originalmente publicado em *Semiótica*, 25:1-29, 1979)

KOCH, I.V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**, São Paulo, Cortez, 2004. p. 251-300.

MORATO, E. M. As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro) linguística à questão social. In: MOURA, H. M.; SILVA, F. L. (Orgs.) **Direito à fala**. A questão do preconceito linguístico. Florianópolis: Insular, 2000. p. 85-95.

\_\_\_\_\_. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p.143-170.

\_\_\_\_\_. O que ganham heurísticamente com a noção de referenciação os estudos neurolinguísticos? In: ALBANO, E.; ALKMIM, T.; COUDRY, M. H.; POSSENTI, S. (Orgs.) **Saudades da Língua**. Campinas/IEL, Mercado de Letras, 2003. p.577-590.

\_\_\_\_\_. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: BENTES, A. C.; KOCH, I. V.; MORATO, E. M. (Orgs.) **Referenciação e discurso**, São Paulo, Cortez, 2005. p.243-264.

\_\_\_\_\_ et al. **Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de (CCA-IEL/UNICAMP)**. Relatório Final de Pesquisa Processo FAPESP 03/02604-9. Depto de Linguística – IEL/UNICAMP, Campinas, 2005 b.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo, Loyola, 2002

### Anexo:

#### Sistema de notação da transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	MS: ã::::ham (3s) centro <i>indica 5 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	--	Maria Éster... -dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...- Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Superposição	[ apontando o local onde ocorre a	MG: Nova Iguaçu [JM:

	superposição	ah
Simultaneidade de vozes	[[ apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[ eu falava.. mas NS: [[ quatro ano.. deixa (indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	" "	aqui... "vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros..."
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *----- -→* ((aponta com o dedo))

Fonte: MORATO et al, 2005 b.